

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIAS.
CAMPUS POSSE
POS – GRADUAÇÃO: LATU SENSO: ESTUDOS LITERARIOS

UM ESTUDO SOBRE A LITERATURA DE CORDEL: ORIGENS E PECULIARIDADES

POSSE
2017

Resumo

O presente artigo estabelece uma reflexão sobre a Literatura de Cordel no Brasil, mostrando as origens, bem como as influências que essa literatura tem na cultura do nordeste do país. Além disso, esse artigo discute a importância dessa literatura em sala de aula, apontando elementos que potencializam o Cordel como um nobre instrumento de trabalho, enriquecendo cada vez mais o currículo escolar e despertando senso crítico dos alunos. O texto também aborda o porquê da não valorização dessa literatura, demonstrando a discriminação da mesma por ser considerada uma literatura popular, tornado assim um desafio no campo educacional.

Palavras-chave: Literatura de Cordel; Literatura; Sala de Aula; Gêneros literários.

Abstract

The present article establishes a reflection about the Cordel Literature in Brazil, showing the origins, as well the influences that this literature has in the northeast culture of the country. Moreover, this article discusses the importance of this literature in classroom, pointing out elements that enhances the Cordel like a noble tool of work, enriching the school's curriculum and awakening the student's critical sense. The text also addresses the reason this literature is not being appreciated, demonstrating the discrimination for it be considered a popular literature, becoming a challenge on educational field.

Keywords: Cordel Literature; Literature; Classroom; Literary genres.

UM ESTUDO SOBRE A LITERATURA DE CORDEL: ORIGENS E PECULARIDADES

Laila Raiane de Macedo Sousa ¹

Prof. Ms. Thyago Madeira França²

Aspectos introdutórios

O presente estudo pretende abordar o desenvolvimento da Literatura de Cordel no Brasil, buscando refletir sobre as suas origens, bem como especificando a sua identidade com a região do nordeste brasileiro. Para isso, vamos descobrir o seu papel na formação e na influência de aspectos culturais e regionais.

As influências da literatura de Cordel remontam ao movimento do romancista no Renascimento, quando encontramos os primeiros relatos dos tradicionais contos orais, feito pelos trovadores medievais. Essa tradição oral influenciou no surgimento do Cordel.

Entretanto a literatura de Cordel como é conhecida teve início no século XVII, em Portugal. O nome Cordel foi posto porque em Portugal, os livros eram expostos, amarrados em cordões, estendidos em pequenas lojas de mercados populares ou até mesmo nas ruas. No Brasil, tornou-se popular pelo tom humorístico e por representar temáticas cotidianas, tendo como principais assuntos: festas, políticas, secas, disputas, brigas, milagres, vida dos cangaceiros, atos de heroísmo, milagres e morte de personalidades.

Geralmente esses contos ou poesias eram declamados, com o uso de viola, e recitados em praças, no intuito de chamar atenção do público e, assim, acontecendo a venda dos livros. Muitos escritores nordestinos foram influenciados pela literatura de Cordel, alguns deles como Ariano Suassuna e Jose Lins do Rego, que criaram muitos contos de Cordel, desses muitos em estrofes de quatro, seis versos, e mais rara, composta por sete versos.

Os temas dos contos de Cordel são ilimitados, porém na maioria das vezes se apresenta por meio de uma abordagem simples corriqueira. Carlos Drummond de Andrade, reconhecido com um dos maiores poetas brasileiros do século XX, definiu o cordel da

¹ Autor: Laila Raiane de Macedo Sousa

² Orientador: Prof. Ms. Thyago Madeira França

seguinte forma: “a poesia de Cordel é uma das manifestações mais puras do espírito inventivo, do senso de humor e da capacidade crítica do povo brasileiro, em suas camadas modestas do interior”.

Quando chega ao Brasil, o Cordel inicialmente conquista Salvador, pois lá se instalava a primeira capital brasileira. Estudiosos afirmam que o ano de 1830 é considerado historicamente, pois representa o ponto de partida da construção poética do Nordeste, tendo Ugolino de Sabugi e seu irmão Nicandro, filhos de Agostinho Nunes da Costa Teixeira

Um dos mais famosos escritores de Cordel até hoje é Leandro Gomes de Barros (1865-1918). Acredita-se que esse escritor tenha escrito mais de mil folhetos. Um dos principais recursos utilizados nos cordéis desse famoso autor era a descrição de personagens, por meio de monólogos que suplicam preces.

Alguns ainda ousam a dizer que o Leandro Gomes de Barros é considerado o pai da literatura de Cordel, pois ele foi o único que investiu em tecnologia e trouxe os equipamentos mais modernos presentes na época. Uma de Carlos Drummond de Andrade foi uma crônica publicada no Jornal do Brasil em 9 de setembro de 1976:

*“Poeta como Leandro
Inda o Brasil não criou
Por ser um dos escritores
Que mais livros registro
Canções não se sabem quantas
Foram seiscentas e tantas
As obras que publicou”.*³

Nesse sentido, assim como estudiosos do Cordel, também as palavras de Drummond confirmam e destacam a relevância de Leandro Gomes de Barros para o desenvolvimento dessa literatura no Brasil. Hoje podemos afirmar que o Cordel é parte da cultura do Nordeste, com pontos de vendas nas ruas, com vários contadores que ali declamam e contam várias histórias que mexem com a imaginação dos turistas, trabalhando assim essa difusão da poesia com as cantigas. Essa manifestação artística tem forte influência na cultura nordestina, sendo já parte constitutiva de tradições culturais regionais, principalmente nos estados de Pernambuco, Ceará, Alagoas, Paraíba e Bahia.

³ Essa septilha, também de sete sílabas, é de autoria do poeta João Martins de Atayde.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, optamos por uma metodologia exploratória, explicativa e analítica, uma vez que estabelecemos uma exploração superficial das origens do Cordel, buscando estabelecer um olhar explicativo e reflexivo acerca da importância de se considerar essa literatura como um rico recurso didático.

Como embasamento da pesquisa, utilizamos conteúdo bibliográfico sobre essa literatura, bem como nos baseamos em informações documentais, fóruns e grupos de debates sobre o Cordel.

2. Reflexões sobre a literatura de Cordel no Brasil

O nome poesia é uma maneira popular e muitas vezes agregada ao nome da literatura de Cordel, por possuir algumas características que se apresenta na poesia. Uma informação importante é que, durante muito tempo, o Cordel foi exposto somente de forma oral e, posteriormente, começou a ter sua comercialização impressa.

O pré-conceito estabelecido no conto de cordel se deve, provavelmente, por se tratar de assuntos corriqueiros, ser uma literatura ambulante, mais dirigida ao meio rural, por sua simplicidade. Isso acaba decorrendo numa certa falta de valorização, em comparação à literatura canônica.

Diversos autores, afirmam que a literatura de Cordel no Brasil, não morreu e está longe de desaparecer da literatura brasileira. Essa diversidade cultural e linguística do país, conforme avalia Maria José em (2009) seu artigo da revista “Nova Escola” sobre o incentivo da literatura de cordel:

Utilizei a literatura de cordel e textos de Patativa do Assaré para quebrar preconceitos da língua portuguesa. “*Mostre a seus alunos que a língua popular muitas vezes é ridicularizada porque o povo é discriminado*”, afirma a professora. Peça que eles descubram a regra desses versos, que fogem do padrão institucionalizado. Trabalhando com músicas de Luiz Gonzaga, fã confesso de Lampião, também poder ser bons matérias para ilustrar a vida do povo nordestino. Coloque música do rei do baião para seus alunos ouvirem e dançarem. “É um reconhecimento da diversidade cultural e linguística do país” (Maria Jose, 2009, edição 224,p. 29)

Como mostrou a autora, até pela falta de conhecimento e entendimento, o julgamento da literatura de Cordel acontece de uma forma discriminada. Isso pode acabar incentivando o descrédito dessa literatura, bem como o desconhecimento por parte das pessoas em geral.

Outro ponto importante sobre a literatura de Cordel foi a criação da sua academia. Segundo informações colhidas no site, da Academia Brasileira de Literatura de Cordel foi inaugurada em 07 de setembro de 1988. Hoje a ABLC é composta de 40 cadeiras com membros efetivos.

Atualmente esse gênero literário permanece vivo tanto na região Nordeste, especialmente nos estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte, quanto em outras regiões do país. As histórias produzidas nos dias de hoje relatam acontecimentos políticos, festas e desastres, além dos tradicionais assuntos que relatam fatos do cotidiano local. Sobre essa realidade, Magalhães (2002) defende o caráter popular dessa manifestação e afirma que “as determinações da realidade são o pressuposto da arte, cabendo à análise literária esclarecer como um sujeito histórico reflete uma realidade também histórica, porque obra de homens e mulheres reais. (MAGALHÃES, 2002, p.134, apud MAGALHÃES, 2005)

Uma curiosidade é que o conto de Cordel chegou até a levar o nome de “Jornal do Sertanejo”, baseado em um tempo que o rádio era coisa de rico, televisão não existia e jornal só circulava nas grandes cidades. Assim, o Cordel também pode ser visto como um meio de alfabetização para a população carente, pois naquela época era bem mais raro se encontrar uma pessoa com instruções de leitura.

Outra comparação que acontece com a literatura de Cordel é o repente. Os estilos se parecem, entretanto, a diferença é que o cordel é escrito e o repente é cantado de improviso ao som de violas. Ambos tradicionais no Nordeste, muitas pessoas confundem os dois estilos, pois ambos possuem muitas semelhanças na linguagem, nas temáticas e nas variações linguísticas utilizadas.

Um ponto que deve ser ressaltado é que, nos dias de hoje, muitos professores buscam valorizar o Cordel, fazendo-se presente em aulas de literatura nas escolas, tanto no âmbito fundamental como no ensino médio. Alguns elaborados de provas de capacitação como o ENEM já utilizaram a escrita do Cordel como um instrumento de interpretação a ser explorado.

Segundo Bakhtin (2000), a construção de um gênero pode ser classificada em simples e secundário, Podemos assim enquadrar o cordel como um gênero secundário, pois o mesmo tem uma comunicação voltada para pontos culturais, políticos e romancistas.

Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero do discurso primário (simples) e o gênero do discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sócio-política. Durante o processo de sua formação, os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal. (BAKHTIN, 2000, p. 281).

Entretanto, ainda que seja compreendida a relevância didática do Cordel, existe ainda muita resistência em se considerar essa modalidade literária como válida. No artigo “O cordel como objetivo de ensino”, Pinto (2006) aponta essa debilidade, ao afirmar que “a quase ausência de folhetos nos livros didáticos e o tratamento, muitas vezes, equivocados do assunto quando consegue ser alcançado a condição de matéria de leitura e de aula provam que o cordel ainda não está efetivamente na pauta da educação formal. (2006, p. 21).

A partir dessa reflexão, defendemos que a escola deve incentivar a construção do conhecimento sobre a literatura de cordel, fazendo com que o aluno a todo o momento seja instigado com novas ideias, e sobre novas práticas de apresentação dos mesmos. Isso incentiva descobertas para processos de intertextualidade, demonstrando o novo universo de palavras atípicas de uma forma de literatura. Geraldi reforça essa ideia, ao afirmar que “importa que o aluno adquira o gosto de ler pelo prazer de ler, não em razão de cobranças escolares” (2006, p.63).

3. A literatura de cordel como incentivo à leitura

Acreditamos na proposta da literatura de cordel como uma boa possibilidade que o aluno pode ter em relação aos vários tipos de literaturas. Além de estar relacionada a variações linguísticas menos rebuscadas e, por conseguinte, mais acessível na formação de leitores escolares, o Cordel pode levar o aluno a pensar o seu lugar no mundo e o daqueles que produzem, consomem e apreciam esses escritos. Além disso, a literatura contribui na reflexão sobre as diversidades sociais, políticas, econômicas e culturais do país em que vivemos.

O que nos preocupa é o fato de que o ensino de Língua Portuguesa no Brasil está, tradicionalmente, ligado à exploração da gramática normativa, em suas perspectivas descritiva

e analítica, ou seja, com ênfase no conjunto de regras que as compõem e na identificação das partes que formam o todo, com suas respectivas funções. (ROJO,2006).

Dessa forma, diferentemente da literatura tradicional, a literatura de Cordel, não tem ainda o reconhecimento devido e, por isso, tomamos ela como um tesouro a ser descoberto, de modo a demonstrar toda a sua riqueza, que envolve também a realidade social, histórica, cultural, política e filosófica dos autores que as produziam, mostrando os problemas relacionados às suas realidades.

A fonte que alimenta as escritas literárias no caso da literatura de Cordel decorre da criatividade dos escritores em dado momento histórico- social, utilizando inúmeras maneiras de transmitir os contos através da oralidade e da escrita.

A partir desse pensamento Bakhtin, podemos conceituar bem o que é escrito e falado do Cordel:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 1929, p. 95)

Diante do cenário apresentado sobre a Literatura de Cordel, podemos perceber que essa literatura está ligada à realidade do cotidiano dos nordestinos. Com isso, acaba se tornando uma rica fonte de leitura para os jovens e alunos, justamente por demonstrar ideias, costumes e aspectos sociais de povos de uma região do Brasil. É notado a todo o momento que os versos são mergulhados na problemática do Nordeste, vários cordéis vêm com o fundo de críticas, mas também como propostas de um mundo melhor para aquela região.

Analisando o aspecto contexto cultural, podemos afirmar que a comunicação humana é algo inato, e através dela é que acontecem várias transformações que estão presentes na escrita e nos sons, as formas de reivindicar uma melhoria vêm muitas vezes acompanhada da escrita. Esta relação sociocultural como a transmissão de informação e, estingar o ser humano, pois o mesmo é um ser social e tem a necessidade de comunicar-se.

Porém, um ponto importante a ser levantado é a sua contribuição para a literatura inserida na sala de aula, destacando a ampliação de sentidos em diversos assuntos que ela

pode propor. O Cordel não reproduz a ideologia de centros hegemônicos⁴ do Brasil, oposto disso, levam seus leitores a refletirem sobre assuntos muitas vezes tão polêmicos que demandam aspectos econômicos, políticos, ideológicos etc. E conseqüentemente, isso pode fazer com que seus leitores não recebam passivamente o que é imposto pela mídia e suas ideologias subjacentes⁵.

Durante décadas, a proposta educativa centrou-se na figura do professor como um único conhecedor do conhecimento, tal afirmação se baseia na exposição oral dos conteúdos sobrecargas de informações. Nesses modelos que os alunos foram expostos, eles só faziam papel de mero receptor de conteúdos e não existia nenhuma possibilidade de participação crítica nas produções em sala de aula. De acordo com Xavier (2007, p.04), “o aprendiz, que é visto como um sujeito passivo, que recebe as instruções de um professor que supostamente sabe o conteúdo a ser ensinado e com um passe de mágica transfere-lhe esse saber”.

O Cordel oferece uma vasta aplicação em sala de aula. O importante é professor ter o papel de organizador do saber, mostrando todo o vasto que material existe na nossa cultura, colocando-se como um mediador do conhecimento e valorizando o mundo por trás do cordel.

Por isso afirmamos que o Cordel é um gênero plástico, que dialoga com o oral e o escrito, com vários temas. Sendo assim, “não podemos abrir mão da plasticidade da linguagem” (ORLANDI, 2000, p. 16) uma vez que ela, em suas inúmeras formas escrita, oral gestual, corporal etc, desempenha um papel de suma importância na comunicação, na medida em que se complementem novos recursos para o desenvolvimento do ensino sem linguagens alternativas em sala de aula.

Um ponto relevante para defender o Cordel na escola está na dificuldade que os alunos enfrentam na questão de compreensão textual. Tal situação se deve, em boa parte, às práticas de leituras desenvolvidas por diversos professores, que dão ênfase a decodificação, ou seja, uma leitura que está voltada para a representação de signos e símbolos. Kleiman (2003) fala sobre essa questão, colocando esse tipo de leitura como:

⁴ **Hegemonia:** significa **preponderância de alguma coisa sobre outra**

⁵ Subjacentes: Subjacente é sinônimo de: encoberto, oculto, implícito

[...] empobrecedora, pois está baseada numa concepção da atividade como equivalente à atividade de decodificação. Essa concepção dá lugar a leituras dispensáveis, uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno. A atividade compõe-se de uma série de automatismos de identificação e pareamento das palavras do texto com as palavras idênticas numa pergunta ou comentário (KLEIMAN, 2003, p. 20).

Essa citação reafirma a dificuldade vivenciada pelos alunos de hoje, em que o sujeito lê e não consegue assimilar o que está sendo transmitido pelo texto. Por isso defendemos o valor didático da leitura dos folhetos de cordel no universo da sala de aula. Vale a pena explorar na escola, pois contribui na ampliação dos gêneros textuais, tornando-se um forte complemento para o ensino de língua portuguesa.

No artigo “O cordel como objetivo de ensino”, Pinto (2006) aponta essa debilidade ao afirmar que “a quase ausência de folhetos nos livros didáticos e o tratamento, muitas vezes, equivocados do assunto quando consegue ser alcançado a condição de matéria de leitura e de aula provam que o cordel ainda não está efetivamente na pauta da educação formal”. (2006, p. 21).

Assim, acreditamos que a literatura de cordel é um tipo de literatura que deve ganhar espaço, que se deve abrir para a expansão do conhecimento sobre essa literatura, fazendo com que o aluno a todo o momento seja instigado com novas ideias, e sobre novas práticas de apresentação do mesmo. Voltando, assim, suas descobertas para um processo intertextualidade, demonstrando o novo universo de palavras atípicas de uma literatura e poesias de cordel. Como afirma Geraldi (2006, p.63) “importa que o aluno adquira o gosto de ler pelo prazer de ler, não em razão de cobranças escolares”. Assim, o cordel tem pontos que se levantaram com as suas contribuições tanto na parte gramatical, e como um auxiliar na formação de estudantes com mais perspectivas sobre o mundo.

4. Considerações Finais

Para uma melhor formação de leitores críticos, o Cordel deve ser pensado como suporte didático nas práticas de leituras. Isso levará o aluno a vivenciar múltiplos contextos e linguagens, assim abrindo um leque de informações.

A influência do currículo escolar na escola tem o poder de dar voz às culturas. Assim, o Cordel deve ser contemplado, com o intuito de enriquecer o ponto de vista cultural dos alunos. É necessário que o aluno seja capaz de refletir sobre diversos ângulos e, conseqüentemente, compreender múltiplas linguagens e o uso da Literatura de Cordel como um suporte didático nas práticas de leituras literárias.

A representação da literatura de Cordel através dos livros didáticos é muito tímida, e sabemos que os alunos raramente fazem trabalhos, apresentam ou até apreciam, uma vez que não tiveram acesso a este gênero textual nas series iniciais. Essa omissão inibe o conhecimento, segrega valores e mutila a cultura do povo nordestino que se mantem forte, apesar da intolerância mascarada e velada que rodeia esse cenário cultural.

Defendemos uma proposta de educadores com o compromisso de ensinar com a construção do saber do aluno e, sobretudo, com a formação de cidadãos críticos e reflexivos. Isto faz com que as práticas valorizem a pluralidade de culturas e uma riqueza de material a ser explorada. Por isso, deve-se definir o tipo de sujeito social que se deseja formar e, acima de tudo, deve definir as mudanças necessárias a promovidas.

5. Referências

BORGATTO, A.; BERTIN, T.; MARCHEZI, V. **Tudo é Linguagem**. São Paulo: Ática, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental e Médio**. Brasília: MEC, 2002.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Queroz, 2000.

CORACINI, M. J. R. F. (Org.). **O Jogo Discursivo na Aula de Leitura: língua materna e língua estrangeira**. Campinas, SP: Pontes, 1995.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

http://www.ablc.com.br/historia/hist_cordel.htm. Acesso em : 10 de Agosto de 2016.

http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/BUOS-8FMH5A/1/entre_fanaticos_e_her_is_gabriel_braga.pdf. Acesso em : 22 de Agosto de 2016.

NICOLAS, José de. **Literatura brasileira das origens aos nossos dias**; 15ª edição, São Paulo, editora Scipione, 1969

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FIALHO, Maria José. **Cordel: do encantamento às histórias de luta** – São Paulo: Duas Cidades, 1983.

http://www.ablc.com.br/historia/hist_cordel.htm Obras e Autores da Literatura de Cordel.
Acesso em 18 de Agosto de 2016.

MAGALHÃES, Belmira. **O ensino de Literatura e a interconexão entre representação literária e história.** In: Leitura. Maceió: Imprensa Universitária, UFAL, 2005

KLEIMAN, A. **Oficina de Leitura:** teoria e prática. São Paulo: Pontes, 2003

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 1997.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura.** São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000

Maria Jose, **Nova Escola** 2009, edição 224.

PINTO, V. N. **Comunicação e Cultura Brasileira.** São Paulo: Editora Ática, 1999.

<http://educarcomcordel.blogspot.com.br/2011/01/origem-da-nossa-literatura-de-cordel.html>;
Acesso em: 30 de Agosto de 2016.

ABLC – Academia Brasileira de Cordel. Academia Brasileira de Cordel, Gonçalo Ferreira da Silva, Literatura Brasileira, Literatura popular, Duelo de Repentistas;

A LITERATURA DE CORDEL COMO FONTE DE INCENTIVO NO ENSINO DE LINGUAGEM,
aprendizagem, cordel brasileiro, cultura, folhetos-de-cordel-escrita, linguagens, multiculturalidade, o-estudo-da-lingua-da-literatura-de-cordel-na-sala-de-aula, perguntas-sobre-o-texto-de-cordel-a-chegada-de-lampio.

ROJO, Rosane. O texto como unidade de ensino e o gênero como objeto de ensino da Língua Portuguesa. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Encontro na linguagem: estudos lingüísticos e literários. Uberlândia: EDUFU, 2006.